

Governo é muito liberal e não dá atenção à indústria

João Carlos Marchesan entrevistado por Raquel Landim

Folha de S.Paulo, 29.4.2017

Diferentemente de seus pares, o empresário João Carlos Marchesan é um crítico da política econômica do governo Temer e do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles.

"Esse governo tem um cunho ideológico muito liberal. Parte do pressuposto de que o mercado resolve tudo e não olha a indústria com a devida atenção", diz Marchesan, que preside o conselho da Abimaq, associação que reúne os fabricantes de máquinas e equipamentos.

Ele diz que Meirelles "só recebe e conversa" com os empresários, mas não toma "nenhuma atitude prática". As principais queixas do setor são a redução da exigência de conteúdo local no setor de petróleo e gás e o menor volume de empréstimos do BNDES.

*

Folha - As vendas de máquinas e equipamentos cresceram 31,5% em março em relação a fevereiro. O setor começou a se recuperar?

João Carlos Marchesan - Ainda não é uma recuperação consistente e está refletindo a demanda dos setores de bens de consumo e agrícola. No primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, as vendas caem 3,4%.

Essa crise custou caro para a indústria de máquinas com a perda de 100 mil empregos diretos. Entre 2013 e 2016, o faturamento do setor caiu à metade, de R\$ 120 bilhões para R\$ 60 bilhões.

Com a redução de juros e o aumento da confiança após as reformas, a perspectiva é de crescimento do setor a partir do segundo semestre, mas saindo de uma base muito baixa.

Qual é a sua avaliação sobre o governo Temer?

É um governo transitório e focado na aprovação das reformas. Nesse ponto, o presidente está sendo corajoso, porque o país precisa disso.

Por outro lado, tem um cunho ideológico muito grande. A equipe econômica parte de um pressuposto muito liberal e não olha a indústria com a devida atenção.

O governo agora decidiu que o mercado regula tudo. Se é assim, quero pagar o mesmo preço de energia, capital de giro e tributos que o meu concorrente na Alemanha. Consertem tudo isso que vamos retirar os penduricalhos.

Como é o diálogo da indústria com Henrique Meirelles e com o restante do governo?

Meirelles só conversa e recebe os empresários, mas não toma atitude prática a respeito do que sugerimos. O que temos conseguido é politicamente por meio do Congresso, da Casa Civil e do próprio Temer.

Meirelles trouxe um programa econômico para solucionar os problemas do Brasil. Pode até resolver, mas enquanto isso vai deixar milhões de desempregados. O governo imprimiu uma recessão tão grande que o remédio está matando o paciente. O ano nem começou e já revisaram a previsão de deficit no Orçamento, porque a receita caiu muito.

O sr. teria um exemplo de como a nova orientação da política econômica prejudicou o setor?

Um é a redução da exigência de conteúdo local no setor de óleo e gás. Não foi o PT que criou essa política, mas o governo FHC, em 1997. Com a exigência, surgiram benefícios —Repetro, Fundo da Marinha Mercante— para as companhias de petróleo para criar uma rede de fornecedores.

O governo Temer acabou com o conteúdo local e a cadeia de fornecedores, mas não retirou esses benefícios (o índice de exigência de peças brasileiras caiu 50% nas próximas rodadas de licitação).

O argumento do governo é que a exigência de conteúdo local atrasa os projetos e que os fornecedores estão envolvidos com a Operação Lava Jato.

Na Abimaq, há 800 fornecedores de óleo e gás e nenhum está na Lava Jato. Vários estaleiros não estão na Lava Jato.

O principal problema da Petrobras é o atraso na entrega das sondas. Dados da estatal mostram que os maiores atrasos foram provocados por fornecedores internacionais.

Também existem atrasos de fornecedores locais, mas não foram causados pela exigência de conteúdo local, mas por alterações nos projetos e por avaliações malfeitas.

O senhor vem criticando a redução do tamanho do BNDES e o aumento da TJLP (taxa de juros de longo prazo). Por quê?

Esse posicionamento do governo é anti-indústria. Elevar a TJLP vai tornar inexecutável qualquer projeto, porque a taxa de retorno do investimento vai ficar menor que o custo do financiamento. O que estamos propondo é baixar a Selic ao nível da TJLP.

O BNDES está vinculado ao Planejamento, mas é a Fazenda que toma as decisões. O banco devolveu R\$ 100 bilhões ao governo e já tem R\$ 150 bilhões em seu caixa de novo, porque não está emprestando. E isso é bom? O objetivo do BNDES é financiar a atividade produtiva.

Na gestão Dilma, o governo concedeu incentivos à indústria e o BNDES elevou muito o volume de empréstimos, mas o resultado foi um rombo fiscal sem deslanchar os investimentos. Por que essa receita deveria ser mantida?

Não é verdade. A indústria cresceu muito até 2013 e não foi por causa do setor de máquinas e equipamentos que surgiram esses problemas.

Para nós, o ponto de inflexão foi o início de 2014, quando a inflação estava desenfreada e o governo começou a subir os juros, o que inibe os investimentos. Se a economia vai mal, não adianta o BNDES financiar porque ninguém compra máquina.

A inflação subiu por causa do descontrole fiscal, provocado, em parte, pelos subsídios para o BNDES e pela desoneração da folha, que foi desvirtuada no Congresso.

O PSI (Programa de Sustentação do Investimento) do BNDES representava R\$ 60 bilhões a R\$ 70 bilhões por ano, mas o subsídio era apenas uma fração disso: R\$ 7 bilhões a R\$ 8 bilhões. Não foi isso que quebrou o país.

Na sua avaliação, o governo Dilma era melhor para a indústria do que o governo Temer?

Essa afirmação é muito forte. A indústria perdeu participação no PIB sob Dilma. Houve grande desarranjo do setor elétrico. Além disso, o governo Dilma maquiava números e

não sabíamos desse rombo.

A verdade é que não dá para comparar os dois governos. Dilma teve seus erros, mas Temer está tendo os seus erros também.